



## A Vida é Bela?

Juares Soares Costa(\*)

*" E a vida?  
E a vida o que é?  
Diga lá, meu irmão!  
Ela é a batida de um coração,  
Ela é uma doce ilusão. "  
(Gonzaguinha)*

O filme " A VIDA É BELA " desencadeou alguns debates, desde a justiça ou não de vencer o nosso " CENTRAL DO BRASIL", até questões éticas. É correto fazer humor com um tema tão sério como o nazismo e a morte de milhões de pessoas? Estas questões, especialmente a última, são relevantes, mas não são estes aspectos que pretendo abordar.

A "história oficial" do filme é a de um pai que se sacrifica pelo filho, para que este não sofra com os horrores de um campo de concentração. Mas quem precisa mais da fantasia, Guido( o pai), ou Josué ( o filho)?

Desde o início, Guido se comporta como alguém que gosta ( ou precisa) da fantasia. Sonha ser o rei, o príncipe, em busca de sua "princesa".

*" Agora eu era o herói  
E meu cavalo só falava inglês.  
A noiva do cowboy, era você, além das outras três.  
Eu enfrentava os batalhões.  
Os alemães, e seus canhões... "  
(Chico Buarque)*

Guido precisa da fantasia, ou se quisermos, da negação da realidade, , para se defender do que não podia suportar. A guerra, o anti-semitismo, o nazismo. O "ovo da serpente" estava sendo chocando ao sol, apesar de seus esforços para não vê-lo.

---

(\*) Psiquiatra, Terapeuta de Família e Casal. Diretor do INSTITUTO DE TERAPIA de FAMÍLIA e CASAL de CAMPINAS(SP). Fone/fax 0xx19-2422823.

E-mail [juares@scosta.med.br](mailto:juares@scosta.med.br)

**Junho de 1999.**

Vários são os episódios em que Guido tenta enganar a si mesmo, mais do que a qualquer outro: A cena do ataque que o tio sofre quando de sua chegada a cidade. O cavalo do tio que é pintado de verde pelos fascistas. A placa no restaurante "Proibido para cães e judeus", cujo significado Guido minimiza para o filho. " Cada um coloca a placa que quiser", diz ele. Eu odeio visigodos e aranhas. Vou colocar uma placa em nossa livraria: "Proibido para visigodos" . Quem engana quem?

Quando a serpente dá seu bote e os agarra, levando-os para um campo de concentração, Guido cria a versão de que tudo aquilo é um jogo, uma gincana que premiará o vencedor com um tanque de guerra. Tudo supostamente para evitar que o filho sofra, para protegê-lo. Mas quem protege quem?

Em uma cena dramática, talvez uma das melhores do filme, Guido encontra Josué chorando, por ter descoberto que vão todos virar sabão. Guido minimiza a história, diz que é uma tentativa dos outros concorrentes em eliminá-los da gincana. Confunde Josué a tal ponto que este desacredita, ( ou pelo menos tenta) no que vê e ouve, para acreditar no pai, de quem depende física e emocionalmente.

Um jogo perverso instala-se entre os dois. Josué fica preso em uma armadilha. Se acredita em si mesmo, ele nega o pai. Se acredita no pai, nega a si mesmo. Uma situação paradoxal, aparentemente sem saída, que faz lembrar a cantiga infantil americana que inspirou o título original do filme "Um estranho no ninho" : One flew over the cuckoo's nest.

*One flew to the north( um voo para o norte)  
One flew to the south( um voo para o sul)  
One flew to the east( um voo para o leste)  
One flew to the weast( um voo para o oeste)  
And one flew over the cuckoo's nest( e um voo por sobre o ninho do cuco)*

Uma das interpretações para esta cantiga, é a de que o último enlouqueceu, pirou. Diante de situações sem saída, constrói-se uma alternativa, que pode ser a loucura.

Esta história pode ilustrar a Teoria do Duplo Vínculo ( Double Bind), que foi construída por Gregory Bateson e colaboradores, ao longo da década de 50. Começou com um projeto que inicialmente



dedicava-se a pesquisar a Comunicação entre os seres vivos, de um modo geral, e que acabou colocando seu foco nas questões relacionadas com a Comunicação entre pessoas de uma família, que tinha um de seus membros diagnosticados como esquizofrênicos.

Ao longo de um elaborado e minucioso projeto de pesquisa, baseado nas então novas teorias da comunicação, da cibernética e também da Teoria dos Tipos Lógicos (de Russel e Whitehead), eles criaram a primeira teoria sobre a gênese das doenças mentais, que não era apenas biológica, ou ligada às questões do mundo interno individual.

Ao observar famílias com um paciente diagnosticado como esquizofrênico, Bateson e equipe perceberam um padrão de interação e comunicação, que pode ser descrito assim, de forma bem simplificada e esquemática:

Tomemos uma situação em que estejam envolvidos o paciente e um ou mais membros de sua família. Em um nível, em geral da linguagem verbal, algo é comunicado. Por exemplo: "Meu filho eu te amo." Em outro nível, em uma linguagem não verbal, nega-se a afirmação inicial. Junte-se a isto uma proibição não explícita de se falar a respeito do que está acontecendo. E uma impossibilidade de que a pessoa, por ser muito dependente (um paciente internado, ou uma criança pequena), possa abandonar o campo onde tudo isto está se passando. Não se trata de uma situação isolada, mas de um padrão daquela família. Ou seja, este é o meio em que aquela pessoa, que mais tarde pode se tornar o paciente identificado, vive desde sempre.

A equipe formulou a seguinte hipótese: "Há uma causa para a chamada esquizofrenia, que não seja apenas biológica ou resultante de questões psicológicas individuais e internalizadas? Uma causa que fosse comunicacional, relacional?"

Sim, afirmaram Bateson e equipe. E seu trabalho pioneiro é reconhecido até hoje como sendo uma das origens da Terapia Familiar. Foi à partir da hipótese de que problemas de comunicação pudessem ser uma das causas dos problemas mentais, que eles partiram para tentativas de "tratar" o grupo familiar, buscando assim uma melhora não só do indivíduo, mas de todo o sistema.

Quase 45 anos se passaram desde aqueles estudos pioneiros e muitas revisões e críticas foram feitas à Teoria do Duplo Vínculo, sem contar os frequentes mal-entendidos a respeito da Teoria em si. De qualquer modo, ela ficou como um marco, como um referencial importante para o estudo e entendimento das relações humanas.



Voltando ao filme: Vejo Guido como um pai amoroso, que queria o melhor para Josué, mas que em minha opinião, foi guiado em seus atos, muito mais por seus problemas e limitações, do que por uma atitude altruísta de proteger o filho. Podemos pensar que ele atribuiu ao filho, as mesmas dificuldades em suportar as frustrações e angústias da vida, que ele, Guido, apresentava. Ao olhar para o filho, via antes de mais nada suas necessidades inconscientes.

No final, Guido deixa o filho escondido( abandonado) e vai em busca de sua "princesa". Morre em busca de seu sonho. O filho fica só, mas ao mesmo tempo é libertado da prisão paradoxal, do "duplo nó " que o prendia, e que poderia enlouquecê-lo. É resgatado pelos soldados americanos, e reencontra sua mãe.

Aliás, penso que a importância da mãe é subestimada ao longo de filme. Ela era a âncora, o "princípio de realidade" que tentava trazer Guido de volta a Terra, assim como a Josué.

Não sabemos o que o futuro reservou para Josué. Pela fala em "off " no final, podemos supor que cresceu e tornou-se um adulto, capaz de lembrar o passado com crítica e emoção. Talvez não o tivesse conseguido sem sua mãe.

Enfim, o que apresento são apenas reflexões inspiradas por um belo filme, que acima de qualquer interpretação , traz a beleza da arte, que sempre diz muito mais que qualquer tentativa de entendê-la. Como escreveu Edmund Wilson: " O artista diz mais do que sabe", e o crítico sabe mais do que diz.

A vida é bela?

*... Eu fico com a pureza da resposta das crianças,  
É bonita, é bonita , é bonita.  
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz.  
Cantar, e cantar, e cantar,  
A beleza de ser um eterno aprendiz,  
Eu sei, que a vida podia ser bem melhor, e será,  
Mas isto não impede que eu repita,  
É bonita, é bonita, é bonita.*

( Gonzaguinha)